

I

Presente nos autos e em figura própria Elias Santana, chefe de brigada. Indivíduo de fraca compleição física, palidez acentuada, 1 metro e 73 de altura; olhos salientes (exoftálmicos) denotando um avançado estado de miopia, cor de pele e outros sinais reveladores de perturbações digestivas, provavelmente gastrite crónica. No aspecto exterior nada de particular a registar como circulante do mundo em geral a não ser talvez a unha do dedo mínimo que é crescida e envernizada, unha de guitarrista ou de mágico vidente, e que faz realçar o anel de brasão exposto no mesmo dedo. Veste habitualmente casaco de xadrez, calça lisa e gravata de luto (para os devidos efeitos) com alfinete de pérola adormecida; caranguejo de ponteiros fluorescentes, marca *Longines*, que usa no bolso superior do casaco com amarra de ouro presa à lapela; farolins de lentes grossas, à toupeira, com comportamento mortício; carece de capilares no couro cabeludo, o crânio é pautado por cabelinhos poucos mas poupados, e distribuídos de orelha a orelha.

[*Elias Cabral Santana*, folha corrida: n. em Lisboa 1909, na freguesia da Sé, filho dum juiz de comarca. Estudos liceais no Colégio de São Tiago Apóstolo, que abandona por morte dos pais, tendo ficado aos cuidados da irmã até à maioridade. Jogador nocturno e cantor lírico em academias de bairro. Após um período de internamento no Sanatório da Flamenga, Loures, é admitido como estagiário na Polícia Judiciária (10-7-1934) por despacho do então director, juiz Bravo. À margem é conhecido por Covas ou chefe Covas decerto porque, prestando serviço na Secção de Homicídios

há mais de vinte anos, tem passado a vida a desenterrar mortes trabalhadas e a distribuir assassinos pelos vários jazigos gradeados que são as penitenciárias do país. Com louvor e dedicação, também consta da sua folha de serviços. Com a reserva e a sem paixão que competem à sua especialidade e tanto assim que jamais pronuncia a palavra Defunto, Finado ou Falecido a propósito do cadáver que lhe é confiado, preferindo tratá-lo por De Caju que sempre é um termo de meretíssimo juiz. Elias Santana, o Covas, costuma responder que «anda aos calados» quando porventura o encontram em serviço a horas e em locais inesperados e por aqui já se pode avaliar a discrição e a naturalidade com que encara os mortos e os seus matadores, nada mais tendo a declarar.]

Assim sendo, e na sequência dos factos ocorridos no dia três de Abril do corrente ano de mil novecentos e sessenta, passadas que foram setenta e poucas horas sobre o achamento do cadáver dum desconhecido na Praia do Mastro, a cinquenta quilómetros de Lisboa, o mencionado Elias Chefe, por sobrenome Covas, medita sentado na cama com o jornal da véspera aberto na página do crime.

Está em pijama de cetim. São sete da manhã no seu domicílio à Travessa da Sé, terceiro andar alto com vista para o Tejo. O quarto é um compartimento interior com postigo oval a dar para a escada. Cómida bojuda, matriarcal. Mesinha-de-cabeceira em mogno, tempo de mármore, escarrador de porcelana colorida. Lençóis bordados com monogramas das iniciais MT entrelaçadas.

Elias parece suspenso entre o jornal e o sono. Mas não: medita de facto, e na direcção dum altar de fotografias armado em cima da cómoda. Numa delas vê-se o juiz de toga e de esposa ao lado; noutra, os mesmos e uma menina de folhos, ao colo da mater; numa terceira, o casal e a filha mais um infante montado num cavalo de pasta (em fundo distingue-se perfeitamente um pano de cenário de jardim de repuxos, a menina já não tem folhos e está de pé segurando uma bicicleta pelo guiador); por último, um rosto de mulher jovem em moldura de prata, olhar suave, pureza e melancolia (o sinal ao canto do lábio é o mesmo da adolescente da bicicleta mas mais pronunciado, mais pessoal, e agora a testa é encimada por um caracol de cabelo).

Elias está sem óculos, tem pálpebras pisadas e rugosas como as dos perus. Mastiga em seco fitando sempre (através das pálpebras?

por uma réstia sumida?) aqueles retratos desfalecidos em sépia de antepassado. Depois levanta-se e atravessa o corredor, há aqui um cheiro que não engana: Ratos?

Em chinelas, jornal na mão, dirige-se à cozinha mas antes visita dois quartos de móveis amortalhados que lhe ficam em caminho (*le tour du propriétaire*, como dizia o falecido pai em Elvas quando dava a sua volta pela quinta antes de ir para o tribunal). Vai a um, vai a outro, espreita o vulto das pratas amontoadas em cima da mesa, os canapés e os cadeirões de damasco, tudo envolvido em lençóis; e o espelho soleníssimo, o aparador de nogueira e a estatueta do pescador que mergulha a linha no vidro do aquário onde em vez de água ou de peixes está depositada uma maçaneta de porta; o guarda-jóias, o licoreiro; e mais sudários, mais extensões de brancura; uma morgue doméstica de objectos trabalhados. Em cada quarto há ratoeiras — mas intocadas, escarnecidas, porque ratos de casa não vão em milagres, diz Elias, e os desta são tão sabidos que até escapavam ao radar se fosse preciso.

Entra na cozinha. Cozinha, pia de pedra e janela para as traseiras onde há varandas com pombais e roupa estendida a secar; vasos e caixotes de flores nas janelas, ervas selvagens a crescerem nos telhados por onde passeia a rataria, antenas de televisão. Elias, com lume brando e desencanto que baste, aquece o leite da manhã.

Daí a nada já atravessa o corredor atrás duma malga fumegante e vai sentar-se numa sala com janelas sobre o Tejo. Fragatas, cacilheiros de vaivém. A labareda gigante da Siderurgia lá longe na Outra Banda e ali à mão rolas a arrolhar de papo em beirais pombalinos e gatos-narcisos a lamberem-se ao sol.

Elias mergulhando bolachinhas no leitemel: Temos que com isto são oito horas e hoje vai ser um dia sem santo nem maré.

Falou na direcção duma caixa de vidro que está por baixo da janela. Areia, é que se vê lá dentro. Depois, abrindo o jornal: Para já, é o dia do coice do morto, mano. Coice do morto, alguma vez ouviste falar?

Plantada na areia, há uma criatura a escutá-lo no fundo da gaiola vidrada, percebe-se agora. A escutá-lo ou alheada em sono aparente, não se sabe. Um lagarto. *Lizardo* de seu nome, lagarto de estimação, corpo arenoso. Parece em eterna posição de arrancada, cabeça imó-

vel, pescoço para a frente, os compridos dedos das patas traseiras todos abertos e firmados no chão.

Estás-te nas tintas, continua Elias, um olho nas sopas, outro no jornal (mas é ao lagarto que se dirige, é para ele que desabafa). Um rastilhante como tu tem mais em que pensar.

IDENTIFICADA A VÍTIMA

trata-se do ex-major do Exército Luís Dantas Castro que em Dezembro passado se tinha evadido do Forte da Graça, em Elvas, onde aguardava julgamento por participação num abortado golpe militar

e isto não é mais que a patada do mau defunto. Coice do morto, assim chamado, porque vem em pantufa de fantasma, ninguém espera, ninguém vê, e dá em cheio no vivente desprevenido que é para o caso o bom Elias.

Entre o lagarto *Lizardo* e a malga das sopas o chefe de brigada está todo virado para o estendal de notícias que se abre diante dele com badaladas de primeira página a anunciar o defunto. Retrato do dito: o De Cuju, dito cujo, fardado de oficial. Descrições, conjecturas sobre o podre, um cheiro a cadáver que até arrepia. Depois vem o passado, história antiga, como é uso nas conversas de velório, o morto fez, o morto aconteceu, ai coitadinho; e *andante*, *andante*, resmunga o polícia em pijama, segue o funeral. Agora juntam-se mais três à procissão,

OS SUSPEITOS,

e qualquer deles, *dramatis personae* postos na praça pública para servirem ao jogo das reconstituições, qualquer deles — uma mulher, um arquitecto e um cabo — são em fotografia de jornal pouco mais que rostos carbonizados. Uma mulher, Filomena. Mal se lhe percebe o olhar mas vê-se que é nova, muito nova. O outro, um cabo. De bivaque e todo tão suspenso, tão à mercê da máquina que o estava a fotografar. Uma criança. O outro também, o arquitecto. Quase sem barba, sem rugas, tem o ar compenetrado de quem cumpre um momento solene. E estes são os três suspeitos, os que mataram e levaram o segredo com eles. Já foram gente, é o que lembra vê-los assim impressos, em grão de cinza.

Elias: *Andante*, *andante*, que o coice do morto vem mais para o fim.

Sabe tudo linha a linha, pode dizer-se. Leu e releu o jornal, e por isso acelera a pauta (como na música) *andante*, *andante*, até que a páginas tantas bate com a mão: Cá está. Aqui a notícia entra em oração de sabedoria encomendando o defunto para o lado pior do inferno, o mais torvo. Política, eis o pecado,

uma vez que, tendo sido posta de parte a hipótese de crime sexual a princípio admitida, todos os indícios recolhidos indicam estar-se em presença de um assassinio político. O facto de o cadáver ter sido calçado com os sapatos trocados é por si só revelador, pois constitui uma prática da execução dos traidores entre os grupos clandestinos

e nestas entrelinhas Elias está mesmo a ler que é por aí que a Pide vai entrar, não tarda, e então é que vai ser o bonito, duas polícias a desconfiarem uma da outra que é como os meus olhos te viram. Já sinto o Anjo Leproso a escaldar-me aqui a orelha, avisa ele em voz alta para o lagarto *Lizardo*. Topas, irmão?

A olho rasante passa por cima da página dos cinemas e Notícias do Ultramar, paz plurirracial, Fim do Silêncio com os Aparelhos *Sonotone*, preços populares, Luas & Marés. O pior, pensa, é que há gente que só lê os jornais a contraluz para descobrir a palavra apagada pelos polícias da caneta e quando não a descobre inventa-a. Isso é uma censura segunda, confusão a dobrar, e qualquer dia andamos mas é todos a ler o escrito pelo excrito (se é que essa palavra existe nos dicionários) porque a nós ninguém nos come por parvos, Portugueses, e ao Elias PJ ainda menos, não lhe custa nada a admitir que a Pide há muito que sabia do crime e que só esteve a fazer tempo para passar o cadáver à Judite Judiciária com todo o malcheiroso que assanha o público e transforma os agentes da Benemérita nos servidores caluniados do dever.

Lizardo mantém-se impenetrável no seu planeta de vidro. É um dragão doméstico; pequeno mas dragão. E pré-histórico, sobranceiro ao tempo. O dono acerca-se dele para verificar o termóstato fixado na gaiola porque é mudança de estação e há que regular o calor. No Verão tem muitas vezes que humedecer a areia para que o animal não se excite e não se ponha a bater o rabo com lembranças da fêmea ou de penhascos de sol a pino.